

RESENHA

OLIVEIRA, Luciano O aquário e o samurai. Rio de Janeiro: Limen Juri, 2017.

MICHEL ZAIDAN FILHO²⁹

Li, com muito gosto e interesse, o novo livro do prof. Luciano Oliveira; “O Aquário e o Samurai”, sobre a trajetória pessoal, intelectual e política de Michel Foucault - também conhecido como “o Nietzsche calvo de Saint German de pré”. A obra é um esforço notável (em suas 154 páginas) de divulgação crítica da caminhada empírica e epistemológica de um dos pensadores franceses mais influentes no século XX, dentro e fora da França. Foucault tem no Brasil uma verdadeira legião de adoradores, uma espécie de “tribo foucauldina” na academia e nos movimentos sociais. Sorvi-o quase de um só gole, como, aliás, fiz com outros livros de Oliveira: Do nunca mais ao eterno retorno: uma reflexão sobre a tortura (1994), A vergonha do carrasco (2000), etc. Seu estilo literário se compara ao do ensaísta Leandro Konder, na divulgação de autores e obras difíceis. Sendo superior pela rica e variada intertextualidade ou intersemiose com outras linguagens (música, cinema, literatura) O seu humor e ironia tornam a prosa mais leve e divertida. E sua irreverência intelectual diante dos ídolos, é extremamente salutar. Parece um nietzschiano ou um voluntariano diante da ciência ou da filosofia. Ou um cético metodológico. Em se tratando de um pensador tão influente como Michel Foucault, esta atitude tende a ser muito importante.

Oliveira divide a obra do autor em três fases: a fase epistêmica-arqueológica, a fase genealógica e a fase tardia da hermenêutica do sujeito. Ele faz remontar o início da segunda ainda à primeira, com o famoso livro A história da loucura (2014), na época clássica. E não considera a biopolítica e o biopoder, como uma nova fase depois da sociedade disciplinar. Talvez, como fase extensiva ou complementar a esta última, já que ela aparece mencionada na Microfísica do Poder (2018) e no primeiro volume da História da Sexualidade (2007). A fase genealógica é a que merece mais sua atenção.

Gostaria de fazer aqui algumas observações. A influência reconhecida por ele de Nietzsche sobre seu pensamento. E a última fase, que - para alguns - não seria a hermenêutica do sujeito. Mas a biopolítica e o biopoder. Sobre Nietzsche, a pouca atenção dada à herança retórica, neo nominalista e relativista do filósofo alemão, presente, sobretudo em seu conceito de “discurso”, como uma espécie de infra-estrutura substitutiva (algo já

29. Professor titular do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

presente nas famosas “epistemes” de *As palavras e as coisas* (2016). De modo semelhante, a influência darwinista na biologização das relações de poder, tal como aparece no livro: *A genealogia da moral*. Creio que ambos os aspectos guardam ou trazem sérias implicações para a compreensão da política, da moral e do conhecimento humanos.

Segundo, a não conexão atual e contemporânea entre o conceito (nietzschiano) de biopoder e o neoliberalismo triunfante, como forma de governabilidade social. A tese aparece com destaque nos últimos trabalhos de Foucault e foi usada por dois autores franceses, no livro: *A nova razão do mundo* (DARDOT; LAVAL, 2016). Os livros do autor estudado chegam a ser citados por Luciano, mas não estudados nessa perspectiva teórica e política. Senti falta, também, de um maior aprofundamento na hermenêutica do sujeito ou estilística da existência, mais ainda do uso canhestro que é feito pela historiografia brasileira desse conceito na história da escravidão africana no Brasil, por autores como: Silvia Lara e Bob Slenes na UNICAMP. Considero uma “força de barra”, como ele criticou apropriadamente em seu livro, tratando-se de outras transposições inadequadas da obra de Foucault para o contexto brasileiro. Os nossos foucaudianos tupiniquins não aceitam essa fase da estilística da existência. Ficam só com as outras duas: a fase arqueológica e, sobretudo, a genealógica.

É perfeitamente compreensível a ênfase de Oliveira na fase genealógica (Vigiar e Punir (2019), *O nascimento da clínica* (2006), *Vontade de Saber*), mais historicizada e sujeita ao critério empírico da prova ou dos fatos. E, portanto, sujeita ao critério popperiano da falsificação. Mas é em razão de seus estudos sobre a violência e os direitos humanos que talvez a obra de Foucault passou ser importante para ele.

Mas é igualmente importante ver as implicações macro-históricas, éticas e políticas extraídas da obra do autor francês pela esquerda libertária ultra-gauchista. Isto porque elas são muito sérias e merecem igual atenção. Acredito que sua interessante distinção entre o sujeito empírico e o sujeito epistemológico (a propósito do aparente paradoxo entre o niilista e o militante dos direitos humanos) não é suficiente para dar conta das implicações problemáticas de certas passagens da obra, por mais benevolentes e simpáticas que sejam as críticas de Luciano Oliveira a Michel Foucault.

É digna de elogio a postura crítica do livro, incluindo vastas passagens da bibliografia de analistas e biógrafos do filósofo francês, mas eu teria dado bem mais realce a hermenêutica do sujeito e suas consequências éticas e políticas para o uso contemporâneo de sua obra no mundo e no Brasil. Faz muito tempo que Foucault deixou de ser visto como um dos pensadores estruturalistas francês.

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Graal Editora, 2007.

_____. **A história da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Luciano. **O aquário e o samurai**. Rio de Janeiro: Editora Limen Juri, 2017.